

LIVUSIAS

Edson Messeder



Havia meses que a cidade estava sem luz elétrica. O motor estava quebrado e tinha sido levado para Jequié a fim de ser consertado. Por lá ficou vários anos. Estávamos em plena gestão municipal de Seu João Burgos de Menezes.

Ainda não existia a BR-030 e a saída da cidade se fazia pela Rua da Tabatinga (Rua Querubim Cana Brasil), em direção a Cachoeira de Mané Roque (Manoel Vitorino).

No dia da partida do motor houve mesmo uma festa improvisada. As filhas de Seu Almirante – Maria, Klingia e Idá – cantavam na calçada do Salão Paroquial: “vai, vai, motor... Vai porque eu não vou...”

Todas as noites, após o jantar, eu ia para a casa de Seu Antenor Moraes escutar as belas histórias contadas por Nininha, irmã de Dona Lilia. Sentávamos todos no passeio. Havia muitos meninos, que, como eu, juntavam-se aos meninos da família: Paulo, Elmano, Maria do Carmo, Sônia e os três menores, Nonô, Toinho e Rita. As histórias de Nininha podiam ser reais ou fictícias e eram contadas com tanta veemência que, às vezes, eu ficava impressionado a tal ponto de não poder voltar para casa sozinho. Aí, Seu Antenor abandonava seu programa favorito no rádio de pilha para me acompanhar. Seu Antenor era um “gentleman”. Não no sentido de herança aristocrática, mas num sentido puramente genético, pois era filho de um outro “gentleman”, Seu Antoninho Moraes, uma das pessoas mais importantes de Boa Nova pelos idos dos anos 50/60.

Somente duas vezes na minha vida e em Boa Nova eu escutei o sino dobrado. Não é o sino batido como atualmente nem repicado como nos anos 60. Neste anti- go ritual o sino dava um giro de 360° sobre ele mesmo e o toque traduzia dor, tristeza e solenidade. Pois bem, vi isso, ou melhor escutei, no dia da morte do papa Pio XII e no dia da morte de Seu Antoninho Moraes.

Mas vamos à história. Nininha começava sempre assim: era uma vez...

Não se falava de outra coisa em Boa Nova. Ao que parecia, os defuntos tomavam conta da Praça Nova (Praça 7 de Setembro) a partir de meia-noite. Ouviam-se gritos, gemidos, gargalhadas. Muitos afirmavam

haver escutado barulho de garrafas. Onde já se viu defuntos cachaceiros? Como se não bastassem os habitantes... Outros juravam ter escutado choro de crianças. Eram coisas do capeta, sacrifício de recém-nascidos. As únicas pessoas que não se queixavam era Seu Oscar Aragão Pedrecal e os membros da sua família, que ali moravam.

Aquilo não podia continuar assim. Os moradores da praça se reuniram para encontrar uma maneira de resolver o problema. A reunião durou uma tarde inteira na casa de Seu Osvaldo, sendo interrompida por uns quinze minutos para o café servido por Dona Amélia, acompanhado de biscoito avoador, biscoito joão-duro, requeijão, banana-da-terra frita e cuscuz.

Após muitas discussões chegaram à conclusão de que se tratava de uma mula sem cabeça. Era uma maldição ligada ao prefeito anterior, Seu Landualdo, que tinha sido padre. Ele deixou a batina e se casou em Boa Nova. Iriam escrever uma carta ao papa pois só uma missa, celebrada no Vaticano, poderia pôr fim à assombração.

Foi Pulú quem desvendou todo o mistério. Pulú era um louco manso, que não incomodava ninguém. Passava dias inteiros de cócoras no passeio do barracão (onde funcionou o Banco do Brasil). Podia ficar agitado quando os meninos lhe aborreciam. De vez em quando cometia atos de exibicionismo, sem maiores consequências.

Seu Joviniano passou nas proximidades do barracão, com sua limusine, que, junto à Fobica de Seu Monteiro, do Correio, constituíam os dois únicos veículos de Boa Nova. Ele percebeu que Pulú estava bem mais agitado do que de costume. Tentou interrogar o louco, que respondia: “Pulú viu carro de boi... De noite... Venda de Oscar...” E apontava para o armazém de Seu Oscar, que ficava na esquina da praça com a rua de seu Oscar (Rua Oscar Aragão). Pulú insistia tanto, gesticulava, cada vez mais agitado. Seu Joviniano decidiu ir ver Seu Oscar e notou que havia excrementos bovinos nas proximidades do armazém. Havia muitas garrafas ainda por arrumar. Ao ouvir a história, Seu Oscar se pôs a rir e acabou contando tudo. Uma vez por semana ou de quinze em quinze dias ele recebia uma cachaça proveniente dos alambiques de Iguai e transportada

em carro de boi. Por que isso se fazia à noite, ninguém nunca soube. Se havia trambiques, só Deus sabe. O fato é que Seu Oscar, muito bom vivente, achou muita graça de tudo aquilo e mandou fazer novos rótulos para as garrafas de cachaça que ele vendia. A partir de então o povo de Boa Nova começou a tomar uma cachaça chamada Assombração.

Saiu do pé do pato e entrou no pé do pinto... Era assim que Nininha terminava suas histórias.

- Não, Nininha, dissemos. É muito cedo, conta mais uma!

E ela, sempre simpática, recomeçou: era uma vez... Boa Nova teve também seu licantropo. É o nome grego do lobisomem: “lykos” – lobo, “anthropos” – homem. Pois é, aquele homem, que por maldição, vira lobo nas noites de lua cheia.

Quando o danado andou fazendo das suas na cidade, o delegado era Seu Permínio. Ele devia ser um grande admirador de Agatha Christie, pois parecia se inspirar nas suas obras ao realizar suas investigações. Mas o seu apelido na cidade era Sherlock Holmes. Não andava acompanhado de um doutor Watson, mas comentavam que Seu Nena Poioca lhe dava uma mão nas investigações mais complicadas.

Quando era noite de lua cheia, ninguém saía de casa. Aqui para nós, dizia Nininha, sair para fazer o quê? O pânico tomou conta da cidade. Não havia uma só pessoa que não tivesse um fato a relatar. Todos haviam escutado alguma coisa: urros, uivos, gemidos, gritos e mesmo sentido ventos frios que invadiam as casas, em pleno verão.

Entre as poucas pessoas que tentavam pôr um pouco de racionalidade na história estava Dezinho. Ele era o dono da farmácia e possuía grandes conhecimentos (autodidata, como se considerava) em medicina e em psicologia. Dezinho pedia calma à população, dizendo que tudo aquilo não existia, que se tratava de um caso de histeria coletiva.

Foi aí que Seu Maurílio, Oman e Seu Baninho decidiram enfrentar a Besta na primeira noite de lua cheia. Os três eram vizinhos e isto iria facilitar a preparação da operação, sem despertar suspeitas. Oman, obviamente, morava no beco de Oman (parte baixa da Rua Floria-

Peixoto); Seu Baninho, na esquina da rua de Dona Laura (Calçadão) com o beco de Oman, e Seu Maurílio, na esquina da Rua Bráulio Xavier com o beco de dona Dodó (parte alta da Rua Floriano Peixoto). Reuniram-se na casa de Seu Baninho, após o jantar, numa boa prosa para amenizar a expectativa dos acontecimentos.

A luz se apagou às vinte e duas horas, como de hábito. Por volta das vinte e três horas o barulho começou. Fortes pancadas, passos, ruídos de cascos de animais. Apreensivos, eles saíram para olhar, cada um com um pau de lenha na mão. Acabaram caindo na risada quando perceberam que eram jumentos, que habitualmente passeavam pelas ruas da cidade. De repente, viram um outro vulto, no passeio da casa de Seu Bequinho, vizinha à casa de Seu Maurílio. Tinha formas humanas e tentava se espremer contra a parede para não ser visto. Os três avançaram, cada qual tentando disfarçar ao máximo o medo que os invadiu. Ele estava lá! Baixo, forte, peludo na região do tórax. Protegendo-se uns aos outros, nossos heróis se aproximaram da fera. O medo logo se transformou em espanto, seguido de um momento de estupor. Foi Seu Maurílio o primeiro a reagir, e com todas suas forças gritou: Permínio! O que você está fazendo nu a estas horas da noite? Seu Permínio, muito calmo, respondeu: “estou trabalhando. É assim que faço minhas rondas. Sem roupas, confundo-me com a noite e posso ver sem ser visto.”

Nininha concluiu: “as duas histórias de hoje são verídicas. Saiu do pé do pato...”

Pobre de Seu Antenor. Mais uma vez ele teve que abandonar seu programa favorito no rádio de pilha.

